

OS DESAFIOS DO ENSINO- APRENDIZAGEM DAS ESCOLAS PÚBLICAS NO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO: QUAL O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR?

José Antônio Gutemberg Mineiro¹

Hélio Samuel Monteiro Nário²

Lucivaldo Alves Ferreira³

RESUMO: Este artigo trata-se de um estudo de caso baseado na observação das sequelas deixadas pela pandemia no âmbito educacional. Através de entrevistas realizadas com profissionais da rede pública de ensino de Santa Cruz do Capibaribe, aferiu-se a situação encontrada por toda comunidade escolar no período pós-pandêmico e pontuou, diante do exposto, quais são as medidas a serem adotadas para retratar os prejuízos encontrados. A análise dos dados deu-se a partir da análise do conteúdo colhido. Os resultados apontam que o gestor escolar já enxerga os desafios das novas demandas, visando unir forças utilizando-se de uma força-tarefa conjunta em prol dos objetivos e ressaltando que a participação efetiva da família no seio escolar é fundamental para obter sucesso da meta almejada.

Palavra-chave: Ensino aprendizagem. Gestão escolar. Escolas públicas. Pós-pandêmico. Pandemia.

1715

ABSTRACT: This article is a case study based on the observation of the consequences left by the pandemic in the educational sphere. Through interviews carried out with professionals from the public education system in Santa Cruz do Capibaribe, the situation found by the entire school community in the post pandemic period was assessed and, given the above, it was pointed out what measures to be taken to portray the damages found. . Data analysis was based on the analysis of the collected content. The results show that the school manager already sees the challenges of the new demands, aiming to join forces using a joint task force in support of the objectives and emphasizing that the

¹ Professor efetivo da Rede Municipal de Educação do Município de Santa Cruz do Capibaribe-PE; Pedagogo efetivo do CREAS do Município de Monteiro-PB, Coordenador Pedagógico Municipal da Secretaria de Educação do Município de Jataúba; Graduado em Pedagogia pela UVA - Universidade do Vale do Acaraú;, Pós-graduando em Gestão e Supervisão Escolar – Centro de Ensino Superior Santa Cruz - CESAC. E-mail: professorgutembergmineiro@gmail.com

² Formação em pedagogia pela UFPE de Garanhuns; Pós- graduação institucional e clínico pela FIP universidade de Patos; Gestor na Escola Municipal Águida Amâncio entre 2017 a 2020; Pós-graduando em Gestão e Supervisão Escolar – Centro de Ensino Superior Santa Cruz – CESAC. E-mail: samuelmonteiorj@hotmail.com

³ Mestrando pelo programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Especialização em Enfermagem do trabalho pela Universidade Cândido Mendes conclusão ano de 2016; Atua como técnico administrativo desde 2010 no Instituto Federal de Educação IFPB - Campus Monteiro. (Profept). Graduado em Enfermagem pela União de Ensino Superior de Campina Grande (2013); E-mail: lucivaldo.ferreira@ifpb.edu.br.

effective participation of the family in the school environment is essential to achieve the desired goal.

Keyword: Teaching learning. School management. Public schools. Post pandemic. Pandemic.

INTRODUÇÃO

O vírus chegou e pegou todos inesperadamente. A pandemia do COVID -19, de uma hora para outra, paralisou completamente todo planeta. Todos os setores sofreram, principalmente a Educação. “quarentena, isolamento social, distanciamento social, lockdown e mais uma série de termos relacionados à área de saúde que, de uma hora para outra, passaram a ser centro de toda produção intelectual, informacional e social em todos os continentes do globo” (SANTANA, 2020, p. 45). O ensino domiciliar e remoto tornou-se algo cotidiano para todos. Assim, se passaram quase dois anos sem os estudantes irem presencialmente à escola. Vemos que subitamente, comunidade escolar “passa-se a conviver por um lado, com preocupações ligadas à questão prioritária da saúde física e emocional e, por outro lado, com a desestabilização das questões educacionais provocada pela repentina suspensão das aulas presenciais” (PERES, 2020, p. 23) e pela emergência de aulas em plataformas digitais. Agora, depois que mais de 50% da população já foi vacinada, iniciou-se o plano de retomada de forma híbrida (Rodízio).

1716

Nessa lógica, Peres (2020) sinaliza os aspectos que a comunidade local e escolar, liderada pelos gestores, deve refletir, destacando-se a readequação do calendário escolar; a possibilidade de retorno gradual e de trabalhar com uma porcentagem reduzida de estudantes em sala de aula, quer seja em sistema de rodízio ou não; a ausência de profissionais do grupo de risco; a necessidade da organização de regras de distanciamento social; a intensificação das ações dos protocolos de higiene e saúde exigidos pelos órgãos sanitários, com a finalidade de minimizar possíveis riscos de contaminação e detecção precoce de sintomas da COVID-19 (PERES, 2020).

Muitas sequelas deste período fatídico ficaram cicatrizadas no nosso público-alvo: os estudantes, principalmente os menores. Muitos deles ainda não aprenderam a ler e mesmo assim, avançaram de turma. Diante desta realidade, surgiram inúmeras inquietações em torno do atraso deixado pela pandemia, principalmente no âmbito do ensino-aprendizagem e processo de alfabetização de crianças que, diante da situação

atípica, não obteve os resultados satisfatórios dos quais em “tempos comuns” se esperaria. Nesta perspectiva, “a escola não é mesmo um objeto só, mas muitos que dependem da construção que fazemos deles. Conhecê-los é fundamental para que se saiba, na micro, na meso e na macropolítica, onde e como agir” (MARIN, 2014, p. 81).

Este estudo baseia-se na reflexão dos fatores negativos deixados pelo COVID -19 no ensino público e principalmente, a partir da observação dos prejuízos, traçar possíveis metas para a recuperação da não aprendizagem perdida, o mais depressa possível. De princípio, já no primórdio da idéia desta tese, eis que surge diante da situação vivida, inúmeras indagações: Como voltar presencialmente sem causar mais danos aos alunos, famílias e profissionais da educação? O que fazer para recuperar os prejuízos deixados no período pandêmico? Que atitudes a gestão e a coordenação pedagógica da rede pública devem tomar neste sentido?

METODOLOGIA

O estudo de caso deste artigo, baseou-se na observação das conseqüências deixadas pela pandemia através de entrevistas realizadas com profissionais da Educação de uma escola pública da Rede Municipal de Ensino do Município de Santa Cruz do Capibaribe. Foram ouvidos: o gestor escolar, o coordenador pedagógico do educandário e um professor do ensino fundamental anos iniciais. Procurou-se também, considerar as manifestações expressas pelos pais diante de toda esta situação.

Mediante pesquisa de campo, foram indagados assuntos relativos aos seguintes assuntos:

- Principais dificuldades do ensino remoto causadas pela pandemia na visão peculiar dos que fazem a comunidade escolar: Gestores, Professores e Famílias;
- Crescimento da exclusão digital, e consecutivamente, do *déficit* na aprendizagem. Essa realidade é apontada por Colemarx (2020), como resultado da desigualdade estrutural que o país vivencia, dificultando, nesse contexto, a efetivação de um ensino remoto na perspectiva do acesso para todos;
- Situação de fluência em leitura e do processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental;
- Comportamento dos pais e alunos diante da ausência física da escola e o comprometimento dos mesmos nas aulas *online*. Na visão de Peres (2020, p. 21), essa

situação é complexa e intensifica-se no Brasil porque há “alta vulnerabilidade social, [...] de diversidades e carências econômica, habitacionais, sanitárias”, tendo os profissionais da educação que, mesmo em situações difíceis, tentar trazer para o processo educacional os estudantes e seus familiares;

— Quais são e o que fazer para recuperar o prejuízo educacional trazido pela pandemia a partir do momento que a escola pública voltar presencialmente.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes não serão citados neste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante do que foi questionado e refletido, muitas dificuldades foram apresentadas por todos os membros que fazem a escola *in loco*. Para os professores, a mudança foi drástica. Tudo o que já havia sido planejado para o ano letivo teve que, em pouquíssimo tempo, ser refeito. Toda a metodologia de ensino teve que ser readaptada e o manuseio de novas tecnologias, que por muitos nunca foram utilizadas, tornou-se os únicos meios dos quais possibilitou que as aulas fossem viáveis e verdadeiramente possíveis. Em conformidade com Peres (2020), o uso das ferramentas digitais ainda é um desafio na formação docente, esbarrando na lacuna da formação dos profissionais da educação para o uso significativo em meio aos dilemas enfrentados.

1718

O seio familiar, diante das restrições causadas pelos cuidados com o contágio do COVID -19, se deparou com diversas atribulações. A mais apontada foi o revés de auxiliar os próprios filhos nas atividades escolares em sua própria residência, pois muitos não se sentem aptos e grande parte dos pais sequer concluíram o Ensino Fundamental.

Os responsáveis precisaram mediar a relação entre professoras e crianças, reaprender conteúdos até então esquecidos e aprender a lidar com aplicativos e ambientes virtuais: baixar conteúdos, acessar sites de bibliotecas, filmar atividades, tirar fotografias, fazer postagens que comprovassem a realização das atividades. Para todas essas tarefas, precisaram investir grande parte do seu tempo em uma nova demanda agora a eles imposta, bem como assumir o uso efetivo das tecnologias digitais, já que essas compõem as condições de possibilidade para a continuidade da educação neste momento vivido (GUIZZO; MARCELLO; MÜLLER, 2020, p. 7).

Outro impasse relatado diz respeito ao trabalho, que durante a pandemia ficou ainda mais escasso, muitos deles tendo que dar conta de seus afazeres do trabalho em casa

e, ao mesmo tempo, tendo que ajudar os filhos nas atividades escolares, e também, dividindo o mesmo aparelho celular para até 4 crianças;

Para o gestor e o coordenador da escola, a situação pandêmica atenuou ainda mais a exclusão digital, visto que, diante da realidade da nossa região, muitos estudantes não têm celular e/ou acesso à internet, principalmente os que residem no campo. Assim, repentinamente, “no desempenho de suas funções, entretanto, quando o cenário já se configurava como aparentemente estável, diante de conquistas concretas no processo de gestão escolar, esse contexto se altera radicalmente com as novas demandas causadas pela chegada da pandemia no Brasil” (PERES, 2020, p. 23). Outro prejuízo elencado foi um nítido retrocesso no processo de alfabetização, mais precisamente nas crianças dos 1º e 2º anos, com idade de 6 e 7 anos respectivamente, já que os mesmos, em decorrência de cuidados sanitários, não tiveram respaldo presencial dos seus professores nesta fase, profissionais estes indispensáveis para elevação da criança neste processo;

Foi relatado nas inspeções realizadas que, para os alunos, aprender ficou ainda mais difícil. Nos anos iniciais do Ensino fundamental, para as crianças maiores, as de 09, 10 e 11 anos, ainda há um aproveitamento maior e melhor, já para os menores, mesmo as aulas *on-line* sendo realizadas com um maior apelo atrativo, fica bastante difícil fazer essas crianças absorverem de forma efetiva o que é posto. Por outro lado, há crianças que conseguiram evoluir em leitura apesar da pandemia, obviamente, aquelas que já tinham familiaridade com os aparatos modernos, ou seja, que já eram de alguma forma inseridas no meio tecnológico.

Durante a pandemia, enquanto uns não estudam por falta do equipamento adequado, por outro lado, notou-se também uma acomodação de alguns alunos que, mesmo tendo celular compatível e *internet*, não participaram das aulas *on-line*, embora tenham se mostrado assíduos em outros aplicativos de entretenimento bem mais complexos, a exemplo do *Tiktok*. Isto levou os profissionais da Educação a refletir sobre o empenho e a participação da família neste período tão delicado para todos como um todo. Para Ferreira (2020) ninguém estava preparado para essa nova forma de lidar com a educação remota com acompanhamento de casa, nem os professores, nem gestores, nem a família, portanto, “a primeira coisa a se fazer é entender que a adaptação não será perfeita e que todos estão dando o seu melhor nessa nova realidade” (p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um cenário nunca antes imaginado, a parte organizacional da escola se deparou em gerir diversas situações desafiadoras no período pandêmico de ensino remoto. Por um lado, pensando em garantir a seu público o mínimo de aprendizado possível e por outro, tendo consciência da carência da maioria de seus profissionais no quesito “manuseio tecnológico”.

O gestor, além da constante preocupação com as melhorias dos índices educacionais, passou a preocupar-se com a transposição das aulas presenciais para aulas em ambientes virtuais, administrando com isso, o seu próprio despreparo, e também, o despreparo dos docentes para o uso de ferramentas tecnológicas para aulas virtuais, e em muitos casos, curvando-se para a ausência de recursos tecnológicos dos alunos e de suas famílias (PERES, 2020, p. 24).

Para o retorno presencial, a gestão escolar além de pensar na estrutura física e hídrica das escolas, pensando nos cuidados para proporcionar uma volta segura e adequando-se ao chamado “novo normal”, deve também planejar uma força tarefa para recuperar o “tempo perdido” no que tange o ensino aprendizagem dos estudantes, principalmente das crianças menores, já que nitidamente o prejuízo aponta para um atraso de no mínimo 2 anos em cada turma.

1720

Foi possível perceber que “nada substitui a aula presencial”, que através dela o professor sonda, afere, identifica com mais precisão as necessidades individuais de seus alunos, principalmente aqueles que estão em processo de alfabetização. Que “aula remota” existe e até funciona, mas “alfabetização remota” não. Certamente, este foi o ponto prejudicial mais notório causado pelo fenômeno COVID -19 no âmbito escolar.

Já é possível imaginar e visualizar as novas demandas. No período pós-pandêmico, toda a comunidade escolar deve se unir para reconstruir aquilo que foi perdido, ou melhor, o que “ainda” não foi construído em razão de um período atípico, no qual manter a vida, acima de tudo, foi a principal prioridade de todos. Gerir a escola “é organizar, mobilizar e articular todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducativos das escolas” (MARTINS; BOCANELLI, 2010, p. 81).

Para isso, a escola como um todo, deverá se comprometer em ser mais atrativa, objetiva e eficaz. Em um curto espaço de tempo, todos viram a escola sair do seu local físico e mudar-se para a casa de seu corpo discente. Tal façanha fez todos refletirem e perceberem que o ensino/aprendizagem não é uma tarefa fácil, que a participação da

família neste processo é de suma importância, que a escola é a família e que família é, e deverá se fazer presente sempre na escola. Com ou sem pandemia.

Como ressalta e alinha Lück (2013) é preciso "dinamizar o processo, articulando as vozes dos participantes com a finalidade de vivenciar a gestão participativa, por meio do protagonismo dos pais, dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade local".

REFERÊNCIAS

COLEMARX. Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 22 de abril de 2020. Disponível em:<<http://www.colemarx.com.br/wp-content/upds/2020/04/ADtico-EaD-2.pdf>>, acesso em 10 de maio de 2020.

FERREIRA, Anna Rachel. Mudança de rotina: como se manter próximo das famílias em tempos de pandemia. Revista Nova Escola São Paulo. Acesso em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19087/mudanca-de-rotina-como-se-manteroximodas-familias-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em 15 out. 2020.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. A Reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 46, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v46/1517-9702-ep46-e238077.pdf>>, acesso em 20 de set. de 2020.

1721

LÜCK, Heloísa. A gestão participativa na escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARIN, Alda Junqueiro. Em busca da compreensão sobre a escola. In: BUENO, José Geraldo Silveira; MUNAKATA, Kazumi; CHIOZZINI, Daniel Ferraz (Org.). A escola como objeto de estudo: escola, desigualdades, diversidades. Araraquara, SP; Junqueira&Marin, 2014.

MARTINS, Ana P. Maioli; BOCANELLI, Cláudio R. O papel do diretor de escola frente aos novos desafios da gestão escolar. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 7, n. 2, 2010, p. 80-85.

PERES, Maria Regina. Novos desafios da gestão escolar e de sala de aula em tempos de pandemia. Revista Administração Educacional, Recife, v.11, n. 1, p. 20-31, jan./jun2020. Disponível em:<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/246089/36575>> , acesso em 19 de set. 2020.

SANTANA, Camila. Pedagogia do (im)previsível: pandemia, distanciamento e presencialidade na educação. Debates em Educação, Maceió, v. 12, n. 28, p.42-62, Set./Dez. 2020 Disponível em:<<https://www.seer.ufal.br/index./article/view/10308/pdf>> , acesso em 19 de set. 2020.